

Blondel e a teologia¹

Eugenio Rivas

Na primeira parte deste seminário vimos as características da filosofia blondeliana que poderíamos resumir como uma filosofia da insuficiência.

Nesta parte queremos apresentar como esta filosofia não deixou indiferente o meio teológico e neste sentido como o estimulou. O estímulo está em relação direta com modo como Blondel concebia a filosofia e a teologia como dois ordens heterogêneos, mas, ao mesmo tempo estabelece a possibilidade de um encontro e de uma cooperação desejável. Não se trata de uma conciliação formal entre dois ordens heterogêneos pela autoridade de um sobre o outro, mas de uma colaboração conforme com as próprias exigências da razão.

Blondel sempre situou e defendeu seu esforço de reflexão no âmbito da mais estrita racionalidade filosófica. Ocupar-se do fato religioso (revelação cristã) não é desnaturalizar a reflexão filosófica, mas ampliar os domínios da razão. Sua filosofia estabelece que o problema religioso não pode ser ignorado, ele se impõe de modo necessário à razão mais zelosa de sua autonomia.

Com isto queremos afirmar que Blondel, pelo fato de se ocupar do fato cristão, não fez uma reflexão teológica desde o campo da filosofia, Blondel não fez teologia como filósofo nem filosofia como teólogo, mas simplesmente filosofia. Uma filosofia que ele mesmo qualifica como orante porque ela conduz à aceitação de uma insuficiência e à possibilidade de uma suficiência na oração, na abertura e na espera do dom sobrenatural, *intellectus quaerens fidem*.

A filosofia blondeliana constitui um estímulo para a reflexão teológica. Isto não significa que as conclusões filosóficas possam substituir, aperfeiçoar ou renovar os princípios da fé, simplesmente afirmamos que estes princípios, portadores de uma plenitude e de uma verdade fixa, são susceptível de ser compreendidos de maneira sempre nova.

Aqui entramos em uma distinção importante com relação ao papel da razão na reflexão filosófica, científica e teológica. Blondel estabelece uma distinção entre o racional filosófico, científico e teológico.

Primeiro, do ponto de vista científico a razão está comprometida na elaboração do conhecimento sensível no desenvolvimento das ciências positivas, este racional não é filosófico nem teológico, ele é científico.

¹ Segunda parte do seminário: "Blondel e as relações entre Filosofia e Teologia"

Segundo, quando a razão se aplica ao dogma ou aos dados revelados, a razão trabalha e elabora uma ciência sagrada ou o que nos chamamos de teologia.

Terceiro, quando se faz filosofia, já não se trata de aplicar a razão a um objeto, seja sensível ou revelado, mas a razão se aplica a ela mesma.

Existe porem, um racional filosófico cujo objeto é a própria razão, um científico cujo objeto é sensível, e um racional teológico cujo objeto é revelado. Neste sentido, a razão é sempre serva, *ancilla naturae*, *ancilla scientiae*, *ancilla theologiae*. Cada campo se serve da razão de modos diferentes, com pretensões diferentes e com alcances diferentes. Estas diferenças fazem impossível uma usurpação de domínios ou uma extrapolação de conclusões de um campo para outro. Mas estas diferenças não eliminam a solidariedade, a inter-relação entre domínios heterogêneos. Só quando estas diferenças são reconhecidas e incorporadas é possível então uma colaboração fecunda.

Este modo de conceber o papel da razão implica a deficiência e a limitação dos diferentes campos do conhecimento. Poderia parecer que todo na filosofia muda pelo fato dela renovar suas teorias, buscando uma inteligência mais viva e mais precisa das condições de vida, dos progressos coletivos, das iniciativas individuais. Isto não faz mais que revelar o dinamismo da razão. Por outro lado, pareceria que em teologia, pelo fato de refletir sobre fatos revelados (não obtidos por um processo racional), fatos que possuem um alcance e um valor absoluto, tudo é fixo e imutável, tudo é definitivo. A este respeito Blondel sustenta que o caráter de plenitude expressado nas formulações dogmáticas (letra) não esgota a operação concreta do Espírito. Não pode ser confundido o real com a fórmula que o contém sem esgotá-lo. O uso da razão no conjunto do dogma (teologia) busca penetrar sem fim as profundezas infinitas de uma verdade fixa, a razão não busca renovar esta verdade, mas compreende-la. A teologia, neste sentido é uma reflexão que nunca se fecha, permanece aberta enquanto ela não esgota a plenitude que afirma.

A obra de Blondel estabelece uma relação direta com os conteúdos da fé, podemos falar de uma intenção que aponta ao domínio teológico e religioso. Toda a ação humana desemboca numa necessidade de esperar, espera que não é pura passividade, mas ação generosa. O esforço da reflexão filosófica estabelece a afirmação da hipóteses necessária de uma mediação sobrenatural que só se dá na fé e na prática religiosa. A filosofia, afirmava ele, nos introduz no vestíbulo do templo, mas a entrada ao santuário implica uma opção inevitável e necessária pela qual o ser humano decide seu destino, ganha-se ou perde-se. É neste sentido que é

uma filosofia que busca a fé. Ele falava que esse projeto filosófico buscava afastar a ideia de uma "filosofia separada", uma filosofia que não leva em consideração o problema religioso. A filosofia a mais autônoma exige esta abertura ao que ela não pode produzir pelo esforço da razão. A filosofia não é livre, não é ela mesma, não é completa se ela ignora este problema.

Neste sentido, o pensamento de Blondel reveste um doble aspeto, primeiro, ele quer ser rigorosamente filosófico e, segundo, intimamente cristão. Ao considerar o fato cristão, a filosofia blondeliana amplia o campo da razão e da filosofia sem que por esta ampliação perca seu caráter filosófico e racional. Blondel mesmo afirma que seu esforço filosófico o tem levado a frente como crente. O fato cristão é a ideia guia de sua reflexão. Isto não é um postulado, mas o modo como Blondel entende sua própria reflexão, uma reflexão que se deixa fecundar pela fé professada e vivida. O fato de construir sua reflexão filosófica sem colocar entre parênteses sua fé, ele analisa o que o cristianismo tem de pensável e coerente com toda a tendência que anima e impulsiona o universo. Em termos evolucionistas, Blondel afirma que a evolução confirma a tendência de todo o universo material para o espiritual. A matéria é o que pode ser vivificável e a vida o que pode ser espiritualizado. Rahner fala que a cristologia, o evento Cristo, visto desde uma ótica evolutiva é a aspiração de toda a criação, a realidade que aspira a uma comunhão absoluta com Deus. Jesus seria o último homem.

A filosofia blondeliana pode ser dividida em duas partes. A primeira, a filosofia da ação, do pensamento e do ser como uma filosofia da insuficiência e da espera e a segunda, a Filosofia e o Espírito cristão, como uma filosofia da religião cristã, onde se manifesta a coerência e a inteligibilidade do mistério cristão, em sua realidade histórica e contingente, como a resposta esperada aos enigmas filosóficos. Isto não quer dizer que a revelação seja a palavra do enigma como se trata-se de um diálogo onde a razão coloca as perguntas e a revelação subministra as respostas. El mistério não é a palavra do enigma, isso o suprimiria como mistério. As perguntas da filosofia e as respostas que podem ser dadas ou encontradas no dado revelado não se justapõem nem coincidem, nem se adaptam como peças de máquinas. A revelação permite à filosofia ultrapassar os enigmas sem eliminá-los.

Para ilustrar a autonomia, a interdependência e a insuficiência da filosofia, Blondel usa a imagem do batismo subministrado por João Batista, como o batismo de João Batista, a filosofia é um batismo de água que prepara as vias à luz integral. A filosofia prepara a via por onde circula a verdade, isto quer dizer que sem o esforço racional a revelação não tem

como circular, mas é um caminho a ser feito e neste sentido aberto a novas dificuldades, novas descobertas. Trata-se do ritmo de uma marcha cicloidal onde o ponto de chegada da circunferência se converte em ponto de apoio para um novo começo.

A fecundidade da filosofia e da teologia está em relação direta com a cooperação recíproca. Se a revelação se propõe como a resposta à busca do ser humano, a filosofia não pode se desinteressar dessa proposta e a teologia se serve do esforço filosófico para fazer mais compreensível o mistério. Nem a reflexão filosófica nem a teológica conseguem esgotar este mistério.

Algumas áreas da teologia que foram influenciadas pela filosofia blondeliana

1. *O ato de fé*: A fé não é o resultado de uma demonstração, ninguém acredita pela provas que podem ser subministradas. Filosoficamente falando, a reflexão pode mostrar a conveniência moral e social do cristianismo a partir de um inventario, mas isto não faz nascer a fé. O que a filosofia pode fazer é mostrar que racionalmente a razão exige a revelação, mas que esta exigência não encontra cumprimento nela, a razão não pode inventar a revelação pelo fato de exigí-la.

Blondel propõe que a filosofia pode e deve encontrar um ponto de encontro, um acordo possível entre a ordem natural (razão) e a ordem sobrenatural (revelação). O problema se coloca pela mesma reivindicação da imanência da filosofia, só entra no homem o que dele sai e como o sobrenatural não pode sair dele, não pode ser o fruto de seu esforço racional logicamente não pode ser considerado pela reflexão filosófica. Mas a razão exige, deseja o que ela mesma não se pode dar, é neste sentido que a razão encontra seu limite e se coloca à espera. A razão exige o que ela não pode produzir, esta exigência ou necessidade é da ordem da espera. A afirmação do sobrenatural como absolutamente necessário, não significa um pronunciamento sobre sua presença de fato, ou sobre sua forma histórica, ou sobre sua operação atual, mas exigência de sua espera. A razão afirma a realidade da insuficiência, de um desejo ineficaz, desejo não sem frutos, e indeclinável, enquanto não pode ser rejeitado sem falta. Neste sentido o necessário pode ser rejeitado, mas não suprimido. Permanecer no ponto de vista requerido pela mesma reivindicação da imanência, significa que a filosofia encontra nela o que a ultrapassa, "um imanente transcendente". Se, por um lado, é impossível desconsiderar o problema religioso, por outro lado, é impossível que os resultados desse exame não comporte um caráter necessário, pois o que a consciência

requer, para permanecer sincera e consequente com ela mesma não é facultativo mesmo quando possa ser rejeitado.

Nisto consiste a clareza e a suficiência do juízo filosófico sobre todas as exigências do pensamento e da vida. Mas para chegar à suficiência, sob a reserva da insuficiência, faz falta uma disposição do sujeito. Blondel fala de uma conversão intelectual. Por esta conversão, a filosofia cumpre um dobre rol que ele chama de negativo. Primeiro, o fato de não poder ocultar a profundidade e o mistério do sentido e do destino da vida e do homem e segundo, ao mesmo tempo, não nos permitir encontrar só nos a solução. O sujeito pensante porta todo o peso das exigências da razão porque é ele mesmo que pode pervertê-las. A conversão blondeliana opera uma inversão, a impossibilidade da razão de alcançar o objetivo divino de sua aspiração não desemboca na dúvida, mas no reconhecimento de sua incapacidade e na oração pelo dom. É neste sentido que ele afirma que a filosofia é orante ou que verdadeira filosofia é a santidade da razão.

Não surpreende, como desde a reflexão teológica esta filosofia colocava a reflexão teológica no caminho de aprofundar a teologia da fé. Podemos ser tentados, desde a teologia, a pensar que uma vez aceitado o dom, abrir-se a ele nada mais fica a fazer, mas esse dom é acolhido como caminho a ser percorrido, verdade a ser praticada e vida a ser vivida. Uma parada é impossível. A marcha da fé é também cicloidal.

2. *A Natureza do dogma e o rol da Tradição*: Um outro escrito de Blondel que estimulou a reflexão teológica foi "*Historia e dogma. Lacunas filosóficas da exegese moderna*" (1904). Com esta serie de artigos, Blondel entra no debate provocado pela obra de Alfred Loisy, "*O evangelho e a Igreja*" (1902). Nesta obra aparecia como uma antinomia a historia e o dogma. Por um lado se encontravam os fatos bíblicos reconstruídos pelo historiador do cristianismo (historia) e pelo outro lado se encontravam as definições dogmáticas da Igreja. Blondel sustenta que pela distancia entre a historia e o dogma, não se pode fazer refluir o dogma sobre a historia, nisto consistia a crítica de Loisy, e pelo outro lado não se pode tirar a totalidade do cristianismo de sua historia observável como o pretendia Loisy (historicismo). O historicismo deve saber o que não vê, isto é a realidade espiritual que os fenômenos históricos não esgotam. O historiador explica o determinismo, mas deve deixar em aberto a explicação realista que subjaz ao determinismo. Entre a historia e o dogma existe uma continuidade que não pode ser identificada nem com a historia nem com o dogma escrito, se trata da Tradição. Este termo usado pela teologia era considerado de modo limitado. Parecia que o papel da tradição se reduzia a transmitir o depósito do pensado e

expressado formalmente. Blondel entende a tradição como depósito, mas o que guarda do passado é sua realidade vital, anuncia o vivido, mas não esgotado nas fórmulas que o contém. Está fundada nos textos, mas sobretudo numa experiência sempre em ato, ela é evento, sempre acontecendo. A fidelidade ao passado, não é fidelidade ao expressado nas fórmulas, mas fidelidade a um dom que nenhum retrato literário esgota. O heterodoxo não é o desenvolvimento ou a evolução, mas a considerar como uma realidade fixa.

Concluindo, se hoje podemos falar da atualidade do pensamento blondeliano para a fecundidade teológica, a razão teríamos que encontra-la no modo como Blondel concebe a filosofia. Uma filosofia que não é autônoma não pode ser fecunda para a reflexão teológica e, ao mesmo tempo, se ela é autônoma tem necessariamente que ajudar porque a filosofia não pode deixar fora do seu campo de interesse, sem trair as exigências do próprio dinamismo da razão, todo o concernente ao ser humano, ao sentido da vida e a seu destino.

O esforço filosófico de Blondel quer nos levar ao reconhecimento da necessidade de nos aderir ao sobrenatural para satisfazer a busca ineficaz, mas frutífera, da resposta ao sentido da vida e do destino do ser humano. Todo o conhecimento tem por único objetivo conduzir o sujeito à opção pelo "único necessário" e de enfrenta-la por uma decisão de fé. Em consequência, a pergunta filosófica com a qual Blondel começa sua tese sobre a ação, "sim ou não, tem a vida um sentido e o ser humano um destino?", acaba num ato fé formulado como "*c'est*" e por este final do itinerário de sua investigação, Blondel implica que a própria filosofia só encontra cumprimento na fé, uma fé que não está determinada a partir de um ato subjetivo, mas pela realidade, pelo ser do seu objeto.

É esta formulação de fé que abre a filosofia a outra realidade ulterior, uma realidade de um outro ordem. Esta é a razão pela que a aparente insuficiência, - por meio da qual a filosofia estabelece a necessidade, sem poder determinar a realidade, de essa outra coisa que se lhe oferece e da que ela não pode desinteressar-se sem falta, - acaba numa suficiência que, longe de reduzir, amplia o domínio da razão. Por esta consideração a filosofia discerne, sem sair do seu domínio, o que é de razão ou antecedente e consonante com a fé a partir da razão filosófica.

A insuficiência da filosofia, tal como a concebe Blondel, não faz outra coisa que constatar a impotência da razão para satisfazer sua necessidade religiosa e, por fidelidade com o dinamismo que a tem conduzido ao reconhecimento desta necessidade, o dever de buscar essa satisfação fora dela mesma. Ter experimentado a impotência não equivale a ter

demonstrado a impossibilidade de uma resposta que vem de fora. Por esta razão Blondel afirma que toda religião natural é artificial, mas não assim sua espera.

Finalmente, o que chama a atenção deste pensamento é sua abertura para o diálogo e a colaboração entre domínios heterogêneos da reflexão. A filosofia blondeliana defende a solidariedade entre os saberes, o real escapa a toda pretensão filosófica ou teológica “*monoforista*” de separar, de construir uma reflexão a sentido único sem levar em conta a necessária interdependência e solidariedade de todo o real, “*tout se tient*”.